

JUNTA-TE À

AGIR PELO PLANETA

VAMOS **AGIR** AGORA
JUNTOS PELO **PLANETA**

AGIR PELO
PLANETA



CONTACTOS +351 917 400 349
+351 915 762 663



www.agirpeloplaneta.pt



geral@agirpeloplaneta.pt
agirpeloplaneta@gmail.com



[agirpeloplaneta](https://www.facebook.com/agirpeloplaneta)



[agirpeloplaneta2020](https://www.instagram.com/agirpeloplaneta2020)

O que era esperado **continua a acontecer**. A destruição de áreas rurais, comunidades e territórios continua após décadas de avisos, de pareceres, de discussões, de traições e desprezo. O **estado de degradação da floresta portuguesa** continua a ser condição fundamental para a catástrofe: abandono, monoculturas industriais, espécies invasoras, degradação dos serviços de protecção e vigilância, desinvestimento no interior. Em cima disto, a seca engole o país devido à **crise climática** e o calor torna tudo mais frágil.

Os incêndios que ocorreram este ano em Odemira, Proença-Nova, Monchique, Cadaval, entre outros, são a manifestação disto. Em ciclos cada vez mais curtos o nosso país está exposto a **incêndios catastróficos** que têm responsáveis.

Olhamos para o futuro e não podemos ignorar que o que está a acontecer é exactamente o que governos e celuloses impuseram: mais monoculturas, mais eucaliptos, mais incêndios, mais abandono, despovoamento, alterações climáticas, desertificação e perda de biodiversidade. Mais monoculturas de eucaliptos, invasoras e espécies de crescimento rápido com apetência pelo fogo substituem a floresta autóctone, acelerando este ciclo. E o clima muda, fica mais quente, mais seco, com secas, verões mais longos e menos dias de chuva. **O deserto está a ganhar**. Esse também é o plano dos governos e das celuloses. Não têm outro plano e rejeitam qualquer alternativa. As medidas que não revertem este ciclo, aceleram-no.

Precisamos de floresta como a primeira barreira contra a seca e desertificação. Para isso temos de mudar a paisagem. Não daqui a décadas, **agora**. Temos de responsabilizar as celuloses que nos trouxeram até aqui, a The Navigator Company e a Altri Florestal, e os governantes que lhes estenderam a passadeira - de todos os partidos. Não as travaram e entregaram-lhes o futuro do nosso país. Não podemos aceitar mais isto. As celuloses têm de pagar a destruição do passado e a atual. Responsabilizamos também as empresas portuguesas que continuam a agravar a crise climática, como a Galp e a EDP, que planeiam continuar as suas atividades destruidoras e

extrativistas durante décadas, lucrando como nunca e rejeitando os cortes de emissões necessários para **travar o caos no clima**. É urgente assegurar as necessidades das pessoas, o equilíbrio ambiental e a saúde pública e não os negócios de sempre.

Precisamos menos ignições e menor área ardida. Isso significa ter um cadastro florestal total do território nacional, e o que está abandonado tem de ser assumido pelo Estado. As áreas abandonadas têm de ser geridas, não pelas estruturas caquéticas atuais, mas por uma instituição criada para o efeito. O rumo seguido durante décadas no mundo rural em Portugal foi feito em oposição aos pequenos proprietários e à diversificação rural, agrícola e florestal, mantendo propositadamente preços baixos e pobreza permanente. Uma floresta de futuro tem de ser construída com intervenção direta do estado, mas de um estado que rejeite ficar nas mãos de uma indústria devastadora para o país, como é a das celuloses.

Temos de deseucaliptizar Portugal. Precisamos de tirar **700 mil hectares de área de eucaliptal** no país esta década - que corresponde fundamentalmente ao que tem sido abandonado e transformar essas áreas em floresta e bosque resiliente que agente o futuro mais quente e mais seco que a crise climática produziu. **Temos de fazer isto acontecer para travar o deserto**.

No dia 3 de Setembro saímos à rua, em Lisboa, no Porto, em Coimbra, em Odemira, na Sertã, em Proença-a-Nova, em Vila Nova de Poiares e em outros territórios porque as promessas e os remendos dos últimos anos nunca cortaram a lógica que nos trouxe até aqui e que nos levará, se não nos rebelarmos, a abdicar do território em que vivemos para que se torne uma zona incapaz de sustentar populações, incapaz de defender vidas. Saímos à rua por um futuro muito além da lógica redutora dos ciclos económicos e políticos. **Basta**. Não vamos mais aceitar o caminho do deserto.